RUFANDO BOMB NEWS Notícias sem rodeios

Terca-Feira, 24 de Novembro de 2026

# Os Rios brasileiro estão morrendo/ Por Juacy da Silva

**Opinião**

Redação

“A deterioração progressiva daquilo que convencionalmente se chama ‘meio ambiente’, sob o efeito dos contragolpes da civilização industrial, corre o risco de acabar numa verdadeira catástrofe ecológica. Já vemos que o ar que respiramos se torna viciado, a água que bebemos poluída, as praias contaminadas, os lagos e até os oceanos, ao ponto de nos fazer temer uma verdadeira ‘morte biológica’, num futuro não distante, se não forem tomadas corajosamente e severamente aplicadas, sem demora, enérgicas medidas.” Papa Paulo VI, Discurso no 25º Aniversário da FAO (1970

A crise hídrica não é um futuro distante. É presente e exige lutar pela Ecologia Integral e pela Cidadania Ecológica: água, vida e cidadania em risco.

O Dia dos Rios como interpelação ética e ecológica

O Dia dos Rios no Brasil, 24 de novembro, não deve ser apenas mais uma data no calendário ecológico. Deve ser vivido como um exame de consciência coletiva e mobilização profética. Se não cuidarmos de nossos rios, não será surpresa se muitos deles acabarem morrendo. E essa morte não é metáfora poética. É um processo físico, químico e biológico, com impactos políticos, econômicos e sociais, já em curso e documentado por órgãos oficiais e pesquisas científicas.

Os rios são mais que canais de água. São veias dos territórios, corredores de vida, lugares de cultura, de pesca, de fé, de abastecimento, de lazer e de memória. Quando um rio morre, morre com ele uma parte do Brasil: morre a biodiversidade, morre a segurança hídrica, morre a soberania alimentar, morre a possibilidade de um futuro ecologicamente equilibrado, direito garantido às atuais e às futuras gerações pela nossa Constituição.

Por isso, cuidar dos rios, de seus afluentes, os córregos, e de suas nascentes, enfim, de todas as Bacias e Sub bacias hidrográficas não é tarefa apenas técnica. É um dever de todos e todas. É um ato de cidadania ecológica.

## O que significa um rio morrer?

Um rio morre de duas formas principais, muitas vezes combinadas. A primeira é a morte biológica. Ocorre quando a carga de esgoto, lixo, plásticos, agrotóxicos, mercúrio e efluentes industriais consome todo o oxigênio existente na água, eliminando peixes, plantas e microrganismos.

É o que acontece em trechos urbanos do Tietê e do Pinheiros, em São Paulo, e também no Rio Cuiabá e outros mais por este Brasil afora. A segunda é a morte física, também chamada de efemerização. Ocorre quando o desmatamento das nascentes, o assoreamento, a destruição das matas ciliares, a dragagem para a retirada de areia e a retirada excessiva de água para irrigação, barragens e consumo urbano fazem um rio perene secar durante boa parte do ano.

É o que já se observa em dezenas de rios do Cerrado e do Semiárido e também nos grandes centros urbanos do país. Um rio morto não é apenas um rio sem peixe. É um rio sem função ecológica, sem capacidade de regular o clima, de recarregar aquíferos e de sustentar comunidades ribeirinhas, indígenas, quilombolas, pescadores e agricultores familiares.

A crise dos rios é, portanto, uma crise ecológica sistêmica. Revela um modelo de desenvolvimento que trata a água como mercadoria infinita, o território como fronteira a ser ocupada e a natureza como obstáculo ao lucro, quando na verdade água não é mercadoria, mas sim um bem comum.

## Um país de contrastes hídricos

O Brasil concentra cerca de 12% da água doce do mundo, mas essa abundância esconde uma profunda desigualdade na gestão e na qualidade da água. Na Amazônia, houve recuperação de níveis em 2025 após secas severas. Mas a fragmentação do fluxo dos rios cresceu até 40% na última década, afetando conectividade, pesca e biodiversidade.

Bacias como Madeira e Xingu operam sob pressão de hidrelétricas, mineração, garimpo ilegal, desmatamento. No Pantanal, o bioma alaga cada vez menos. A área alagada média caiu 53% ao comparar 1985-1994, com 5,99 milhões de hectares, com 2015-2025, com apenas 2,79 milhões de hectares.

Em 2024, registrou-se a menor extensão alagada do monitoramento: 937 mil hectares.

No Cerrado, berço das águas do Brasil, perdeu-se 13,9 milhões de hectares de vegetação nativa nas margens de rios e córregos entre 1985 e 2025, 26,9% da cobertura verde nessas áreas, com maiores perdas no Alto Tocantins e no Araguaia.

Na Mata Atlântica, quase 80% dos pontos monitorados apresentam qualidade da água regular ou pior, e nenhum com nível ótimo. Saneamento insuficiente, degradação florestal e expansão urbana pressionam rios como Tietê, Paraíba do Sul e Jaboatão. As previsões em relação ao abastecimento urbano das duas maiores regiões metropolitanas, respectivamente, a Grande São Paulo e a Grande Rio, estão em estado de alerta constante devido a intermitência dos rios da região, principalmente o Paraíba do Sul,Tietê, Pinheiros, Guandu e outros mais.

Na Caatinga e no Pampa, a intensificação da seca e o acompanhamento em salas de crise de bacias estratégicas, como o São Francisco, mostram que a crise hídrica não é futuro distante. É presente.

Os 20 rios em maiores riscos: quatro formas de matar um rio

Não existe um ranking oficial único dos piores rios do Brasil. Mas cruzando dados da ANA, SOS Mata Atlântica, WWF-Brasil, das Secretarias estaduais e municipais de meio ambiente dos estados e pesquisas universitárias, é possível identificar pelo menos 20 rios em situação crítica, agrupados por vetor principal de destruição.

a) Colapso por esgoto, lixo e resíduos industriais: Tietê e Pinheiros, em São Paulo; Iguaçu, no Paraná; Cuiabá em Mato Grosso; Ipojuca, Capibaribe e Jaboatão, em Pernambuco; Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul; Paraíba do Sul, entre São Paulo, Rio e Minas, Rio Doce em MG e Espírito Santos.

São rios que atravessam grandes centros urbanos e possuem trechos biologicamente mortos. O Tietê mantém uma mancha de poluição crítica de mais de 170 km. A causa é estrutural: o Brasil ainda não universalizou a coleta e o tratamento de esgoto.

b) Contaminação por mercúrio e rejeitos de mineração: Tapajós, Madeira, Uraricoera e Mucajaí, na Amazônia; Doce e Paraopeba, em Minas Gerais. O Tapajós sofre com o garimpo ilegal e a bioacumulação de mercúrio nos peixes. O Uraricoera e o Mucajaí, em Terra Indígena Yanomami, apresentam concentrações de mercúrio muito acima do limite legal. O Rio Doce ainda carrega o passivo de Mariana, em 2015. O Paraopeba, o de Brumadinho, em 2019. São crimes ambientais impunes, não punidos nem reparados.

c) Agrotóxicos, assoreamento e superexploração agrícola: São Francisco, Xingu, Manguaba, em Alagoas, e Paraguai, Cuiabá, São Lourenço e Taquari, no Pantanal. Na Bahia, Pernambuco e Alagoas o Velho Chico enfrenta perda de vazão, assoreamento, barramentos em cascata e contaminação por esgoto e agrotóxicos.

O Taquari é um dos casos mais graves de assoreamento do país: o desmatamento no planalto entupiu seu leito com areia, fez o rio perder seu curso original e alagar permanentemente fazendas.

d) Fragmentação por PCHs e hidrelétricas em cascatas: Araguari, em Minas Gerais, e Teles Pires, entre Mato Grosso e Pará. A instalação sucessiva de Pequenas Centrais Hidrelétricas interrompe o fluxo livre, impede a piracema e transforma rios vivos em sequência de lagos estagnados.

Esses quatro vetores não atuam isoladamente. Eles se sobrepõem e fazem parte de uma mesma triste realidade. Um mesmo rio pode sofrer com esgoto, agrotóxico, barragem e garimpo ao mesmo tempo. É isso que torna a crise tão grave.

Mato Grosso: o espelho da crise nacional

O que acontece em Mato Grosso é importante para entender a crise dos rios brasileiros.

O Estado abrange três biomas, Pantanal, Cerrado e Amazônia, e partes das bacias Amazônica, do Paraguai e do Tocantins-Araguaia. O que acontece em suas nascentes afeta o Pantanal, a Amazônia, o abastecimento urbano, a pesca e os povos indígenas.

O quadro é crítico. O Pantanal fechou o último ciclo anual com superfície de água 56% abaixo da média histórica. As áreas de cabeceiras em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul já acumulam 6,7 milhões de hectares de desmatamento. Resíduos de agrotóxicos foram detectados até na água da chuva e em rios de terras indígenas na bacia do Xingu.

As PCHs interrompem rotas migratórias de peixes e alteram o pulso natural de inundação. No Jauru, falhas operacionais e barramento em série provocaram secas repentinas a jusante. O garimpo ilegal destrói leitos nos rios Braço Norte e Peixoto de Azevedo, com contaminação por mercúrio.

Nos centros urbanos, o Rio Cuiabá apresenta trechos impróprios para banho por lançamento de esgoto sem tratamento, apresentando índices de contaminação por coliformes fecais altíssimos.

Dos dez rios mais importantes de Mato Grosso, nenhum está livre de pressão: Cuiabá, Paraguai, Araguaia, Teles Pires, Xingu, Tapajós, Guaporé, Rio das Mortes, São Lourenço e Jauru.

Mato Grosso mostra, em escala estadual, o que o Brasil vive em escala nacional: um modelo que produz riqueza acumulada por uma minoria à custa da destruição de bens comuns, afetando a imensa maioria da população.

A Bacia do Alto Paraguai e o futuro do Pantanal

Nos últimos 25 anos, a Bacia do Alto Paraguai sofreu forte degradação. O planalto perdeu 6,7 milhões de hectares de vegetação nativa entre 1987 e 2025, e a planície outros 1,8 milhão. As pastagens avançaram 6,9 milhões de hectares e a agricultura 1,49 milhão na bacia entre 1985 e 2025.

A consequência é direta deste processo de degradação relacionada com a morte dos rios: menos infiltração, mais erosão, mais assoreamento, menos água, o aquífero guarani está secando. A cobertura total de água na bacia diminuiu 2,89 milhões de hectares. Em sub-bacias como o Médio Paraguai, a queda da superfície de água foi de 91%. no Taquari, de 70%.

O assoreamento provocou inundações quase permanentes em cerca de 11.000 km² na Nhecolândia e Paiaguás no Pantanal de Mato Grosso do Sul. Ao mesmo tempo, outras áreas secam. É um paradoxo trágico: água demais onde não deveria, água de menos onde sempre houve.

A pergunta que se impõe é dura: em 20 a 50 anos, o Pantanal pode virar deserto?

Não no sentido meteorológico estrito, como o Saara e outros desertos. Mas pode sofrer uma transformação funcional drástica, próxima a um colapso hidrológico. Se persistirem o desmatamento no planalto, a destruição das nascentes, o assoreamento, as PCHs e o aquecimento sub-regional, cenários até 2050 apontam para perda do pulso de inundação, mega incêndios mais frequentes, perda de biodiversidade e colapso da pesca, da pecuária tradicional e do turismo.

Cabe destacar que 61% do Pantanal já foi atingido por fogo ao menos uma vez entre 1985 e 2025. Em 2024, o rio Paraguai em Ladário registrou seu nível mais baixo em mais de um século. O Pantanal não vai morrer no futuro. Está morrendo agora, em câmara lenta, diante de nossos olhos.

Cerrado: quando se destrói o berço das águas, destrói-se o Brasil

O Cerrado é o berço das águas do Brasil, mas em breve poderá deixar de sê-lo. Ali nascem rios que alimentam as bacias do Paraguai, Araguaia, Xingu, Tapajós, São Francisco e Parnaíba. Sua vegetação, chamada de floresta invertida, com raízes profundas, facilita a infiltração da água e abastece os lençóis freáticos. A expansão desenfreada do agronegócio, principalmente em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul,

Goiás e no MATOPIBA, rompe esse equilíbrio em quatro frentes: desmatamento e degradação do solo, que compactam o solo, impedem a infiltração e assoreiam rios; queimadas frequentes que destroem habitats e alteram o regime de chuvas; agrotóxicos, que por lixiviação e deriva atingem lençóis freáticos, rios e até a chuva, provocando mortandade de peixes e zonas mortas; e perda de biodiversidade, vegetal e animal, com espécies como onça-pintada, lobo-guará e tamanduá-bandeira perdendo refúgio e alimento.

Não se trata de ser contra a agricultura em larga escala. Trata-se de denunciar um modelo de agronegócio que privatiza o lucro e socializa a destruição. Um modelo que produz commodities para exportação enquanto envenena a água que todos bebem.

Ecologia Integral: os rios não são recurso, fazem parte do bem comum

A Ecologia Integral, na linha da Laudato Si' do Papa Francisco e da mensagem do Papa Leão XIV para a COP 30, nos convida a superar a visão utilitarista da natureza. Os rios não são apenas recursos hídricos e a água não é mercadoria. Fazem parte do bem comum, são aspectos importantes da Casa Comum. São sujeitos de cuidado, de direitos e de respeito..

Quando degradamos um rio ou seus afluentes como esgoto, como depósito de rejeito, como obstáculo a ser barrado ou como canal a ser dragado, estamos rompendo um pacto de vida. Esta é a situação do Rio Cuiabá nas áreas urbanas de Cuiabá e de Várzea Grande, do lado de Cuiabá todos os 29 córregos que desembocam no Rio Cuiabá foram transformados em esgotos e o mesmo acontece em Várzea Grande, conforme o estudo do Ministério Público de Mato Grosso, "Águas do futuro", apontou recentemente.

Estamos negando que a água é dom, é vida, é direito humano fundamental, é condição para todas as outras formas de vida.

A crise dos rios é também uma crise de cidadania.

A Cidadania Ecológica exige romper com a passividade; estimular o despertar da consciência ambiental, participar, fiscalizar, denunciar, votar em quem defende o meio ambiente, pressionar os Governantes no Congresso Nacional, nos Legislativos Estaduais e Municipais, governo nos três níveis, e os três Poderes, bem como os órgãos de controle como os Ministérios Públicos Federal e Estaduais e as empresas, para que os rios não morram.

Os Comitês de Bacias e Sub Bacias Hidrográficas, previstos em lei, são espaços privilegiados dessa cidadania e não podem ser instrumentos de manipulação para favorecer interesses econômicos poderosos aliados dos destruidores do meio ambiente.

Mas precisam ser fortalecidos, com participação real das comunidades, povos indígenas, pescadores e agricultores familiares, e não apenas de grandes usuários de água.

O que fazer para que os rios não morram?

Evitar a morte dos rios exige ação imediata, cidadania ativa e transformações estruturais, em cinco frentes:

1. Saneamento e controle da poluição. Universalizar coleta e tratamento de esgoto, fiscalizar efluentes industriais, eliminar lixões, ampliar coleta seletiva e economia circular, combater plásticos e microplásticos.

2. Preservação e restauração. Recuperar matas ciliares e Áreas de Preservação Permanente, proteger nascentes, frear o desmatamento ilegal na Amazônia e no Cerrado, restaurar solos degradados.

3. Uso sustentável na agropecuária e mineração. Adotar agricultura regenerativa, reduzir agrotóxicos, usar irrigação eficiente, acabar com o garimpo ilegal e punir com rigor a mineração irresponsável.

4. Políticas públicas e fiscalização. Fortalecer IBAMA, ICMBio e ANA, os Comitês de Bacias e os organismos de fiscalização e controle. Suspender novos barramentos em cascata – PCHs sem avaliação integrada de bacia. Aplicar cobrança pelo uso da água. Garantir transparência nos dados de qualidade da água.

5. Ações individuais e comunitárias. Não jogar óleo, medicamentos ou lixo, plásticos no ralo ou nas ruas. Reduzir desperdício de água. Apoiar mutirões de limpeza. Denunciar despejo irregular e desmatamento de margens e destruição de nascentes. Nenhuma dessas medidas, isolada, salva um rio. Juntas, podem iniciar um processo de cura.

Conclusão: ainda há tempo, mas não há mais tempo a perder

Os rios brasileiros estão morrendo. Mas ainda não morreram todos. Ainda há nascentes a proteger, matas ciliares a restaurar, peixes a voltar a subir os rios na piracema, crianças a tomar banho em águas limpas.

O Dia dos Rios nos lembra que a água é vida e que a vida não se negocia. Se continuarmos no caminho atual, de desmatamento, agrotóxicos, garimpo, PCHs em cascata e esgoto sem tratamento, estaremos construindo um país mais seco, mais quente, mais injusto e mais pobre.

Se mudarmos, se assumirmos o compromisso de lutar pela Ecologia Integral como projeto de sociedade e a Cidadania Ecológica como prática cotidiana e política, ainda podemos salvar nossos rios.

Salvar os rios é salvar a nós mesmos. É garantir que as futuras gerações recebam não uma herança maldita de destruição, mas uma herança bendita de águas limpas, de biodiversidade, de dignidade e de paz.

Ao concluir esta reflexão gostaria de destacar as palavras do Secretário Geral da ONU, António Guterres recentemente, em Julho deste ano (2026) no Fórum Político de Alto Nível sobre Desenvolvimento Sustentável (HLPE).

“Estamos vivendo além dos nossos meios hidrológicos. Impulsionado pelo consumo excessivo, pela poluição e pelas mudanças climáticas, nosso mundo está usando água doce mais rápido do que ela pode ser reposta, com efeitos permanentes e irreversíveis em muitas bacias hidrográficas, lagos, aquíferos e ecossistemas de água doce.“

Portanto, se não salvarmos os rios, morremos juntos com eles, com certeza, este é o nosso desafio!

*Juacy da Silva, professor da Universidade Federal de Mato Grosso, sociólogo, mestre em sociologia, ambientalista e articulador da Pastoral da Ecologia Integral.